

O QUE VEM DEPOIS DA RECESSÃO DO SÉCULO? | POR CHRISTIAN KREISS

Posted on 24. September 2020

O que acontece a seguir? O que é que nos espera?

Um ponto de vista de Christian Kreiß.

Há algumas semanas, quando surgiram os últimos dados económicos para o segundo trimestre de 2020, registou-se uma "recessão do século", o pior crash económico num quarto da história económica mundial.¹ Mas o que significa isto para nós? E acima de tudo: o que acontecerá a seguir?

Recentemente, foram publicados dois interessantes estudos neste contexto: a 16 de Setembro pela OCDE: "Coronavirus: Living with Uncertainty"² e a 17 de Setembro pela Save the Children/Unicef, um estudo intitulado "Mais 150 milhões de crianças lançadas na pobreza pelo Covid-19".³

Segundo o estudo da OCDE, a economia global contraiu-se mais de 10% nos meses de Abril a Junho de 2020 em comparação com o final de 2019. A produção económica no segundo trimestre de 2020 foi assim cerca de 12 pontos percentuais inferior ao que tinha sido previsto pela OCDE no final de 2019. Isto significa que o poder económico era quase um oitavo mais baixo do que se esperava pouco antes. Um oitavo é bastante elevado. Imagine ter um oitavo menos dinheiro no orçamento familiar de uma semana para a outra, o que é bastante perceptível para a maioria das pessoas na sua vida quotidiana.

Vale a pena notar de passagem que o estudo da OCDE culpa enganosamente a pandemia de Covid pelo colapso da economia mundial, e não pelas medidas drásticas e limitadoras da liberdade impostas pelos governos. É claro que o vírus corona poderia ter sido tratado de forma bastante diferente do que a maioria dos governos do mundo tem feito, como mostra a Suécia. Então a economia não teria caído quase tanto, como o exemplo sueco também mostra.

Segundo os economistas da OCDE, a recessão económica não será compensada tão rapidamente. Para o final de 2021, esperam que o poder económico global seja um bom 5% mais fraco do que seria sem as medidas corona. No entanto, isto só se aplica à média de todos os países. Os países individuais, sobretudo a China (cerca de 1%) e a Alemanha (cerca de 2%) deverão ter compensado largamente o hiato do produto até ao final de 2021, enquanto outros países continuarão a sofrer severamente com a queda no final de

2021, como a Índia (menos 12%), o México (menos nove), o Brasil e a Turquia (menos 6% cada).

De um modo geral, os autores do estudo da OCDE assumem que os países industrializados recuperarão da recessão muito mais rapidamente do que os países emergentes ou em desenvolvimento. A principal razão para isto é que os países industrializados têm muito mais capital e músculo financeiro do que os países pobres e são, portanto, mais fáceis de tomar contramedidas económicas.

Isso leva-nos ao segundo estudo esta semana, da Save the Children ou da UNICEF. Mais uma vez, deve ser salientado no início que este estudo também culpa enganosamente a "pandemia" ou "Covid-19 E as medidas de encerramento" por toda a miséria nele descrita, o que é errado, porque foram apenas as medidas governamentais contra o vírus Covid que causaram todo o infortúnio, não o vírus em si, que poderia ter sido tratado de forma bastante diferente e ainda hoje poderia ser tratado de forma bastante diferente. Eles simplesmente não querem isso.

Como o título sugere, desde o surto da crise da Covid, mais 150 milhões de crianças já foram empurradas para a pobreza. A pobreza é definida como pobreza multidimensional, ou seja, quando uma criança não tem acesso à educação, saúde, habitação, alimentação, saneamento ou água. De acordo com esta definição, cerca de 1,2 mil milhões de crianças nos países emergentes ou em desenvolvimento sofrem actualmente deste tipo de pobreza multidimensional. Pelo menos 45 por cento das crianças em mais de 70 países pobres estudados não são capazes de satisfazer pelo menos uma das necessidades básicas acima enumeradas. Não só os lockdowns forçados acrescentaram 150 milhões de crianças pobres, mas também aquelas que já estavam na pobreza antes foram agora atiradas ainda mais fundo para dentro dela e muitas crianças estão a experimentar uma miséria como nunca antes por causa das medidas Covid.

O relatório é muito pessimista sobre o futuro. Espera-se que a situação se deteriore ainda mais nos próximos meses. "É particularmente preocupante que estejamos mais perto do início do que do fim da crise", é citado um alto perito da UNICEF. Só a "maior crise de educação global histórica" dos últimos meses garantiu que as perspectivas futuras para muitos milhões de crianças se tornaram dramaticamente piores.

Já em Julho a Oxfam publicou um estudo⁴ segundo o qual o número de pessoas famintas na Terra

aumentará em cerca de 120 milhões ou 82%, para 270 milhões, em resultado das medidas de encerramento. Até ao final de 2020, prevê-se a morte de mais 12.000 pessoas por dia em resultado das medidas corona. Em Abril de 2020, o número máximo de pessoas que morreram com ou como resultado da corona foi ligeiramente superior a 10.000, o que significa que, segundo a Oxfam, é provável que mais pessoas morram como resultado das medidas corona do que do próprio vírus. "É provável que a fome nos mate mais depressa do que o vírus corona" ⁵ que o estudo declarou literalmente.

Além disso, a idade média dos que morrem a nível mundial de ou com Covid é de 80 anos ou mais. ⁶ Em contraste, a maioria dos que morrem de fome são crianças. O número de anos de vida destruídos pelas medidas de encerramento da covid é, portanto, provavelmente muitas vezes maior do que os anos de vida salvos. O economista Raffelhüschen calcula um factor de 200 para a Alemanha, ou seja, que as medidas de encerramento alemãs destroem até 200 vezes mais anos de vida do que os que são salvos. ⁷ Isto levanta uma enorme questão sobre a proporcionalidade das medidas de encerramento político. Na minha opinião, a cura - as medidas de encerramento - é muitas vezes pior do que a corona da doença.

Ao mesmo tempo, a Oxfam assinala que desde o início de 2020, oito das dez maiores empresas alimentares pagaram um total de 18 mil milhões de dólares aos seus accionistas, dez vezes mais do que seria necessário de acordo com os números da ONU para eliminar a fome global.

Deve também notar-se de passagem que, de acordo com o Wall Street Journal, a proporção de "agregados familiares que por vezes ou frequentemente passam fome" nos EUA aumentou de quatro para mais de 10 por cento desde as medidas de encerramento dos EUA, e de quatro para cerca de 14 por cento dos agregados familiares com crianças. ⁸ Isto significa que cerca de uma em cada sete crianças nos EUA vive actualmente "em insegurança alimentar", ou seja, não tem um abastecimento alimentar seguro. A maior parte disto deve-se às medidas Covid do governo.

Bem, as crianças famintas no Terceiro Mundo estão longe de nós, pelo menos enquanto não chegarem sob a forma de fluxos de refugiados. Então o que é que nós, habitantes de países industriais ricos, temos de enfrentar económica e socialmente? Presumo que os economistas da OCDE estão - como tantas vezes -

errados nas suas previsões. Este modelo económico pressupõe um regresso gradual à antiga via de crescimento sob a forma de uma curva em V esticada. O que o modelo não leva em conta, ou leva muito pouco em conta, na minha opinião são as grandes montanhas de dívida e dinheiro que surgiram nas últimas décadas.

Os erros de previsão por parte dos principais economistas são comuns. Não só quase todos os economistas não viram aproximar-se uma crise financeira em 2007, como também elogiaram estruturas particularmente insalubres, por exemplo a Espanha até 2007. Pouco depois da introdução dos duros lockdowns na Alemanha no final de Março, o nosso Conselho de Peritos Económicos (os "cinco sábios") sob Lars Feld previu que a economia alemã iria encolher 2,8% em 2020 e depois crescer 3,7% em 2021. Mesmo no pior cenário, não haveria um crash tão grave como em 2009.⁹ E isto numa altura em que as bolsas de valores mundiais tinham acabado de sofrer o pior crash de todos os tempos (entre 20 de Fevereiro e 23 de Março, o S&P 500 tinha caído um terço).¹⁰ Em suma, a previsão do Conselho Alemão de Peritos Económicos do final de Março não era muito perita.

A dívida global ascende actualmente a uns bons 350 por cento do produto nacional do mundo. Medido em termos de poder económico global, duplicou aproximadamente nos últimos 50 anos.¹¹ 350 por cento é uma montanha tão grande de dívida que é impossível pagá-la em termos reais.¹² Além disso, a oferta de dinheiro do banco central nos EUA é actualmente de cerca de 7.000 mil milhões de dólares. Antes da crise financeira de 2007, era de cerca de 800 mil milhões.¹³ O número de dólares do banco central quase triplicou, assim, nos últimos 13 anos. Coloquialmente, isto chama-se muito apropriadamente "iniciar a imprensa monetária". A oferta de moeda do banco central do BCE é actualmente de cerca de 6,500 mil milhões de euros, tendo assim aumentado cerca de seis vezes nos últimos 15 anos.¹⁴ Esta expansão da oferta de moeda do banco central tem sido conhecida como "flexibilização quantitativa". No entanto, durante o mesmo período, o poder económico não cresceu quase tão fortemente como a oferta de dinheiro.

A montanha da dívida e do dinheiro cresceu assim muitas vezes mais depressa do que o poder económico real nas últimas décadas. Isto significa que os credores, ou seja, as pessoas que têm as notas nas mãos, acreditam hoje, tal como há 50 anos, que o montante nas notas tem um valor real, ou seja, o valor nas notas.

Mas isso é um grande erro ou ilusão.

Não estou a falar aqui da inflação, por outras palavras, da desvalorização arrepiante do dinheiro, que praticamente sempre vimos no período do pós-guerra, mas da cobertura das dívidas e do dinheiro, independentemente da inflação. Em termos concretos, um pão de forma, um corte de cabelo ou um carro era apenas metade da dívida de uma geração atrás e apenas um quinto a um décimo do dinheiro em dinheiro ou dinheiro bancário de hoje.

Por outras palavras: um extracto de conta mostrando que existe um milhão de euros ou dólares na conta de títulos sob a forma de obrigações e depósitos à vista não está hoje tão coberto por uma consideração real como estava há uma geração atrás. Se todos os detentores de notas e títulos tentassem converter os seus papéis em bens e serviços reais hoje em dia, perceberiam, ao contrário de há uma geração atrás, que tantos bens e serviços não existem de todo.

Em suma, apesar da explosão da dívida e do dinheiro, vivemos hoje na crença de que as nossas notas ainda estão cobertas pelo desempenho económico real, tal como estavam no passado. Mas há muito tempo que não estão totalmente cobertos. Se formos despertados desta doce ilusão, iremos experimentar algumas surpresas desagradáveis. E é aqui que entram em jogo as fomes dos mercados emergentes acima descritos. Por um lado, estes países são piores compradores dos nossos produtos devido à redução do poder de compra ou à agitação que se avizinha. Por outro lado, os seus problemas de dívida também terão repercussões para os países ricos industrializados, o mais tardar quando os mercados obrigacionistas e cambiais se depararem com problemas e os bancos ou investidores ocidentais tiverem de escrever as suas carteiras. Isto é susceptível de ter também um impacto negativo nos nossos mercados financeiros.

Alternativamente, também poderíamos ser acordados por um crash nos mercados de obrigações de empresas porque demasiadas empresas nos países industrializados vão à falência devido aos lockdowns e são, portanto, incapazes de pagar as suas dívidas. Muitas empresas assumiram elevados níveis de endividamento nos últimos 10 anos e conseguiram servi-lo graças à política de taxa de juro zero dos bancos centrais. A taxas de juro "normais", algumas destas empresas teriam tido de declarar falência há muito

tempo, palavra-chave "empresas zombie". Ou o crash dos mercados bolsistas quando o crescimento económico esperado e previsto e, por conseguinte, o crescimento dos lucros nas bolsas de valores não chega.

Vejo, portanto, três possibilidades:

1. ou há um corte oficial da dívida. Mas isso significa ao mesmo tempo um corte no património dos credores, ou seja, os detentores dos títulos de dívida. Penso que isto é improvável, porque os multimilionários e bilionários que detêm a grande maioria destas reivindicações defender-se-ão contra este corte de activos. E a sua influência na política é MUITO grande, para dizer o mínimo.

2. os bancos centrais estão a tentar duplicar ou triplicar os preços durante talvez 10 anos, ou seja, criar uma inflação média forte de talvez 5 a 20 por cento ao ano no dólar e na zona euro durante alguns anos. Isto também corresponderia a um corte da dívida (real) de 50 a 66%, porque a inflação simplesmente desvaloriza parcialmente os títulos monetários em termos reais. Contudo, tendo em conta a elevada taxa de desemprego e o declínio do poder de compra em massa, é provável que seja muito difícil para os bancos centrais darem início à inflação.

3 Se nenhum deles for bem sucedido, haverá provavelmente uma onda de falências, uma crise financeira, falências bancárias, insolvências do Estado, desemprego em massa, caos e agitação. As falências empresariais, estatais e bancárias são também um corte da dívida, mas um corte desordenado e caótico que é susceptível de desencadear uma espiral descendente com consequências macroeconómicas e sociais graves, por vezes incalculáveis.

Penso que um corte ordeiro da dívida é melhor, a inflação, mesmo que seja miserável para um país, é a segunda melhor ou menos má. Temo a solução três. Espero que resolvamos o corte da dívida com a razão ou com a inflação. Seja como for, acredito que o modelo de previsão em forma de "V" de crescimento suave dos economistas da OCDE é uma ilusão.

Receio que não haverá regresso aos anos anteriores a 2020. Os bloqueios forçados impostos pelo Estado

foram e são um corte tão sério não só nas nossas liberdades civis e na nossa democracia, mas também na nossa vida económica, que um regresso aos relativamente bons anos antes de 2020 está, a meu ver, fora de questão. Estamos perante mudanças sociais muito significativas e provavelmente tensões económicas e, acima de tudo, sociais muito fortes. Receio que os motins em Estugarda e Frankfurt tenham sido apenas o início - se não mudarmos imediatamente de rumo.

Ao autor:

Dr. Christian Kreiß, nascido em 1962: Estudou e obteve o seu doutoramento em economia e história económica na LMU de Munique. Nove anos de actividade profissional como banqueiro, sete dos quais como banqueiro de investimentos. Desde 2002 professor na Universidade de Ciências Aplicadas Aalen para Finanças e Economia. Autor de sete livros: *Gekaufte Wissenschaft* (2020); *Das Mephisto-Prinzip in unserer Wirtschaft* (2019); *BWL Blenden Wuchern Lamentieren* (2019, juntamente com Heinz Siebenbrock); *Werbung nein danke* (2016); *Gekaufte Forschung* (2015); *Geplanter Verschleiß* (2014); *Profitwahn* (2013). Três convites para o Bundestag alemão como perito independente (Verdes, Esquerda, SPD), membro sindical de ver.di. Numerosas entrevistas na televisão, rádio e revistas, palestras públicas e publicações. Página inicial www.menschengerech tewirtschaft.de

1 Reuters 30.7.2020: Wirtschaft bricht in Rekordtempo ein - "Jahrhundertrezession":

<https://de.reuters.com/article/deutschland-bip-idDEKCN24V19I>; „A Crisis like no other“;

<https://tradingeconomics.com/united-states/gdp-growth> Stand 6.8.2020: „It is the biggest contraction ever“

2 <file:///C:/Users/00413/Documents/Hintergrund-Info/oecd%2016th%20sep20.pdf>

3

<https://www.savethechildren.net/news/150-million-additional-children-plunged-poverty-due-covid-19-unesco-save-children-say>

4

<https://www.oxfam.org/en/press-releases/12000-people-day-could-die-covid-19-linked-hunger-end-year>

-potentially-more-disease;

<https://www.oxfam.org/en/world-brink-hunger-pandemic-coronavirus-threatens-push-millions-starvation>

5 „Hunger may kill us before coronavirus“

6 <https://swprs.org/studies-on-covid-19-lethality/>

7

<https://www.welt.de/wirtschaft/plus209561613/Covid-19-Die-unbeachteten-Folgen-der-wirtschaftliche-n-Vollbremsung.html>

8 Wall Street Journal 2.9.2020:

<https://www.wsj.com/articles/how-the-coronavirus-economy-great-or-awful-depending-on-whom-you-ask-11599039003>

9 Welt.de 30.03.2020:

<https://www.welt.de/wirtschaft/article206900765/Corona-Folgen-Der-irritierende-Optimismus-der-Wirtschaftsweisen.html>

10 <https://tradingeconomics.com/spx:ind>

11 Weltbank Januar 2020

12 Vgl. <https://www.rubikon.news/artikel/die-jahrhundertrezession>

13 <https://tradingeconomics.com/united-states/central-bank-balance-sheet>

14 <https://tradingeconomics.com/euro-area/central-bank-balance-sheet>

+++

Obrigado ao autor pelo direito de publicar o artigo.

+++

Fonte da imagem: Andrey_Popov / portadas

+++

KenFM esforça-se por um amplo espectro de opiniões. Os artigos de opinião e as contribuições dos convidados não têm de reflectir a opinião do pessoal editorial.

+++

Gosta do nosso programa? Informação sobre outras possibilidades de apoio aqui:

<https://kenfm.de/support/kenfm-unterstuetzen/>

+++

Agora também nos pode apoiar com as Bitcoins.



BitCoin endereço: 18FpEnH1Dh83GXXGpRNqSoW5TL1z1PZgZK